

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semestre 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 95	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	11 DE AGOSTO DE 1881	Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa. É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.
Possesões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Estrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	—	—		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	—	—		

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — As nossas gravuras — Igreja de S. Francisco de Tavira, R.—A feitoria Regis em Quillimane, AUGUSTO DE CASTILHO — Congressos anthropologico e litterario, trabalhos dos congressos, R.—Os architectos da Batalha e dos Jeronymos, ABEL ACACIO — A Amazona, ALBERTO BRAGA — Publicações.

GRAVURAS. — Cintra, palacio de Monserrate. — Africa portugueza, Quillimane, feitoria Regis — Mahmond-Damat-Pacha — Midhat-Pacha — Nouri-Pacha — Pro-

cesso dos accusados de assassinos do sultão Abdul-aziz, uma sessão do tribunal—Portugal pittoresco. Coimbra, cedro secular na fonte dos Amores—Rente com o muro appareceu um elegante rapaz soffrendo os impetos de um alusão fogoso, a Amazona, conto por Alberto Braga—Bou-Amena, caudilho da insurreição na Algeria—Enigma

CHRONICA OCCIDENTAL

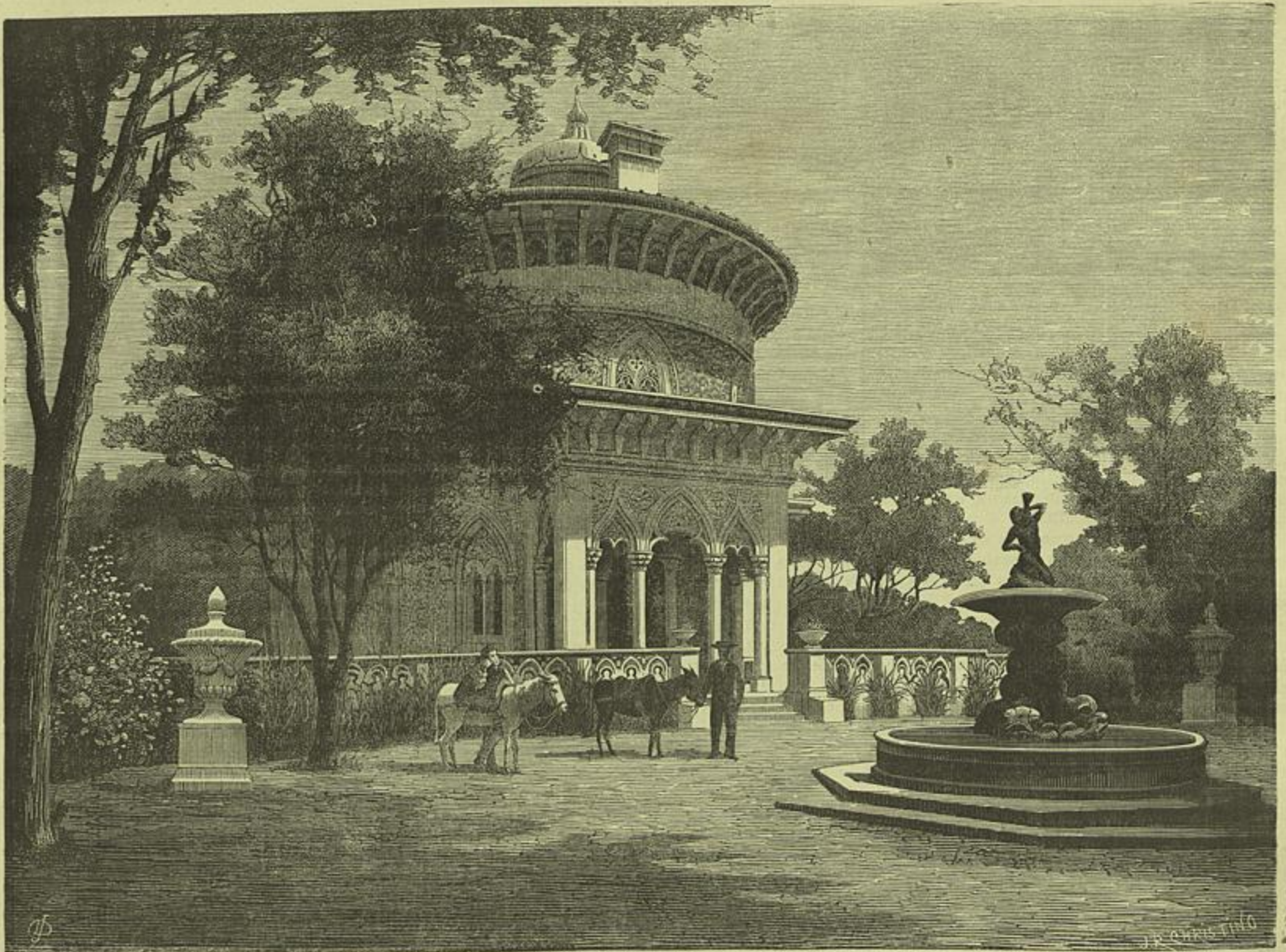
Tinha um grande effeito de originalidade a tirar d'esta chronica, era começar a tremer o queixo e a tiritar:
— Brrr!... Que frio!

Realmente o calor depois de ser o martyrio do nosso verão, é a banalidade de todas as conversações lisboetas.

Faz-nos suar duas vezes; como temperatura e como assumpto. Não ha duas mãos que se apertem hoje nas ruas de Lisboa, sem que os labios soltem exclamações doloridas:

- Safa! Está de arrebentar.
- Hoje ainda está mais que hontem!
- Nunca houve um verão assim!
- Então anda a apanhar este luar!

E por aqui abaixo enfiam uma multidão de phrases que se guardam d'um verão para o outro como os leques e os fatos de banho, phrases de todos os generos, tristes, alegres,



CINTRA — PALACIO DE MONSERRATE (Vid. artigo Quinta e Palacio de Monserrate, pag. 170)

(Segundo uma photographia do sr. Monró)

desanimadoras, galhofeiras, pungentes, humorísticas científicas, conforme a posição social dos dois interlocutores.

E parece que despejar essas phrases alluvia um pouco do calor, faz o effeito d'uma carapinhada, e isso será a unica desculpa da abundancia d'ellas, desculpa este anno reforçadissima com a falta de gèlo.

— Esta falta de gèlo é realmente inconcebivel. Corre-se a cidade toda á procura d'uma pequena pedra d'elle e não se encontra. Quem o tem, os raros mortaes que o possuem, só o cedem por muito favor e por seis vintens o kilo: é quasi uma graça especial.

Necessita-se de estar muito em sorte para o apanhar. É mesmo muito mais facil hoje, em Lisboa obter uma commenda que uma pedra de gèlo. O que é, é que a commenda refresca muito menos.

Não comprehendemos esta escacez de gèlo que ha em Lisboa e que é quasi uma calamidade com o calor tropical — este é o epitheto consagrado pelo estylo lisboeta aos calores assim — que nos tem abafado n'estes dias. Parece que com esta ardença sequiosa das entranhas portuguezas, os industriaes espertos e habéis fariam rapidamente fortuna. Mas não senhor, os nossos industriaes não aproveitam o calor do proximo para aquecerem os cofres seus. Para todos os encalmados que pedem refrescos, ha só uma fabrica de gèlo, uma fabrica de gèlo pacata, rotineira que não altera os seus habitos e que continúa com uma grande serenidade tranquilla a fabricar diariamente a mesma porção de gèlo que fabrica durante o pino do inverno. Ora nós só poderíamos achar uma unica explicação plausivel a esta falta de gèlo; era o ter sido elle empregado em capacetes para todos os nossos politicos.

Mas não foi, elles andam ali por todas as portas a pedir votos, mas não trazem capacetes de gèlo, trazem chapéus de côco.

Não achamos portanto nenhuma explicação a essa falta!

— O calor tem enchotado quasi toda a gente que não está presa á capital pelo ordenado do mez ou pela urna eleitoral, para fóra de Lisboa. Entretanto como Lisboa é a terra onde mais florescem os amanuenses e os candidatos a deputado, ha ainda muita gente na cidade.

Essa muita gente anda desvairada, encalmada, ás noites pelas ruas da cidade á procura da brisa, e como tem a certeza de a não encontrar nos theatros nem nos cafés, vae em sua busca ao Passeio Publico.

Ahi não encontra a brisa, mas encontra o sr. Justino Soares.

Imaginam que é a mesma coisa e ficam lá, muito tristes é verdade, por que dentro do Passeio não se póde estar d'outro modo, mas volta na outra noite, na outra, na outra, em todas finalmente.

Ora o sr. Justino Soares, não é precisamente a brisa, e já que fallámos n'elle paremos um pouco, por que achamos n'elle synthetizado um assumpto que de ha muito chama as nossas attentões — os bailes infantis.

— Desejavamos muito que com as nossas attentões caissem sobre esses desastrados bailes infantis hoje tanto em moda, as attentões da policia e dos chefes de familia.

O baile infantil é a mais perigosa das distrações inventadas pela especulação dos exploradores da *bêtise* humana, e apesar d'isso, talvez que por isso mesmo, é uma d'aquellas que melhor resultado lhes tem dado.

Effectivamente não ha espectáculo mais divertido e mais alegre que esses bailes de creanças; vel as dançar, pular, todos contentes com uma desenvoltura jovial e satisfeita.

E' um espectáculo delicioso para quem vê, delicioso para os pequenos que tomam parte n'elle, e a quem serve de divertimento servindo ao mesmo tempo de hygiene.

Mas o que é necessario é escolher as horas d'essa recreação infantil, o local, e os companheiros.

E' muito bom que as creanças dansem, mas que dansem sem preocupações precoces de elegancia, sem abortos de *coquetterie*, sem con-

versações doentias sobre coisas incomprehendidas, sem camadas de pó a anicharem-se-lhe nos pulmões, sem humidades insalubres a encaixarem-se-lhes nos ossos. Pegar nas creanças, arrancar-as á cama ás horas do seu repouso, levar-as para o Passeio Publico até á meia noite, espertinal-as, pô-las a dançar methodicamente, pretenciosamente, imbecilmente, sob a vigilancia d'um professor de choreographia, que as enche de *poses* amaneiradas e doentias, levantando com os seus pequeninos pés — os do sr. Justino Soares tambem são pequenos, mas agora referimo-nos aos das creanças — nuvens de pó que lhes começam a ensinar a ser tísicas, conversando com as primeiras creanças que apparecem, e que lhes contam os promonores da vida de suas casas, que nem sempre são edificantes, e que as ensinam a ser besbilhoteiras, dançando com quaesquer bregeiretes atrevidos, D. Juans de collegios de meninos, que principiam a ensinal-as a ser namoradeiras e tolas, é uma leviandade terrivel, que os paes maismeticulosos praticam todas as noites, despreocupadamente, sem pensarem que estão a educar seus filhos, que estremeçam, na escola tristissima da anemia, da garridice, e do namoro.

O baile infantil nocturno atrophia portanto moralmente e physicamente as creanças, e parecia-nos que o governo civil, e a policia podiam, e deviam mesmo, olhar attentamente para elles.

O peor é que se como n'aquelle baile da Katti Lanner *Le debardeurs devant le tribunal*, o sr. governador civil e o sr. commissario de policia se põem a dançar os Fenians. Cremos que não haverá esse perigo, não porque duvidemos da irresistibilidade do sr. Soares, mas porque acreditamos muito na força de resistencia do sr. Arrobas.

— Saltando sobre outros assumptos da semana, uns de nenhum valor, outros de um comico indecoroso e de uma devassidão grotesca, que são tão burlescos que não podem indignar a serio, e tão repugnantes que não podem fazer rir, assumptos que, trazidos á luz publica, dão uma triste idéa do nosso nivel moral e politico, vamos cumprir a promessa que fizemos na nossa ultima chronica, de fallar do livro de Fialho d'Almeida, que o sr. Eduardo Chardron, o afamado e corajoso editor do Porto, publicou recentemente.

Esse livro, intitulado singelamente *Contos*, é uma das mais notaveis manifestações litterarias do nosso tempo.

E' uma estreia, que põe logo o seu auctor, um rapaz muito novo, estudante de medicina, em evidencia brilhante.

Os *Contos*, de Fialho d'Almeida, são a revelação de um talento poderoso e de uma organização artistica, perfeitamente moderna.

A individualidade do escriptor desaparece amiudo sob o processo d'escola. Para uns isto será uma belleza, para outros um defeito.

E' um livro realista, trabalhado primorosamente, e que se confunde com facilidade com os melhores da escola.

A preocupação do processo prejudica talvez, a nosso vêr, aqui e ali, a obra d'arte, dominando o *libre essor* do talento possante do artista; mas esse talento trahorda tão opulentamente nas outras paginas, com uma variedade de tons e uma riqueza de cambiantes tão extraordinaria, que subjuga e encanta.

Entre os contos que formam esse formoso livro, ha alguns que são verdadeiras obras primas, e bastava um d'elles, o — *Sempre amigos!* — uma perola litteraria, para collocar Fialho d'Almeida, esse rapaz que entra agora na vida — ao lado dos nossos escriptores mais notaveis.

Os *Contos* são um triumpho enorme. Firmam definitivamente a reputação começada ainda hontem nas *Novidades* por Valentim Demonio.

Quando o livro appareceu, annunciava-se como o primeiro livro de Fialho d'Almeida. Depois de lido, deixou de ser o primeiro livro de Fialho d'Almeida, para ser um dos primeiros da nossa litteratura contemporanea.

— Se quizermos ter assumpto, temos que nos afastar um pouco de Lisboa, e irmos pro-

cural-o por ahi fóra das portas. Cá dentro ha só calor, bailes infantis e theatros varios; lá fóra ha feiras, *pic-nics*, *soirées*.

A feira de Belem alastra já as suas ruas de barracas defronte dos velhos Jeronymos celebres.

E' a mesma feira de todos os annos, mais correcta e augmentada.

O cometa faz-lhe muito mal e tira-lhe a razão de ser.

A verdadeira correcção de uma feira é o desaparecer da face da terra.

Uma feira com as suas barracas-theatros, onde as *maisonnettes* grunhem farças grotescas, onde os palhaços fazem estourar de riso com as suas semsaborias, onde se representam dramas sentimentaes e terriveis, que encham os eccos de gargalhadas, uma feira com as suas casas de pasto, onde a lista é a lingua do gallego e a conta se faz a giz nas mezas gordurentas, comprehende-se: é um parenthesis extraordinario, funambulesco, na nossa vida de todos os dias, é uma variante *pandega* da seriedade grave dos nossos habitos lisboetas.

Agora ir a gente a uma feira, em busca de diversões, e encontrar um restaurante com criados engravatados, listas impressas, copiadas pelas do *Restaurant Club* e do *Restaurant Central*, com a differença das comidas serem mais mal feitas, mas tambem mais caras; entrar n'um theatro e esbarrar com uma orchestra sizuda, que desafina methodicamente como a orchestra do Gymnasio ou de D. Maria, com uns actores que tomam a serio os seus papeis, e que representam tão mal, quanto é delicado da parte de um artista que se presa, umas comédias destinadas a fazer-nos rir, e que nos fazem adormecer, é inconcebivel, insupportavel, inaturavel.

E é assim que a correcção vae perdendo as feiras, vae dando cabo d'ellas, vae-as tornando uma excrecencia medonha na vida de Lisboa, porque só differe d'ella em ser peor.

— Cinrta tem este anno uma animação desusada; os hoteis trahbordam, e as elegantes em villegatura descobriram um refresco excellentemente para as noites quentes de verão é dançarem até que venha a aurora abrir a janella do seu quarto com os seus dedos côr do rosa, aquelles dedos que lhe viu o bom Fénelon, aquelle Fénelon que nos atormentava no collegio com a *Colypso* que *ne pouvait pas se consoler du départ d'Ulysses*...

— Mas, agora reparamos que indo á procura d'assumpto nos esquecemos de fechar esta chronica que vae já como um dia de verão. E fechamol-a com uma boa noticia.

Uma não, duas.

Chegaram a Lisboa e desembarcaram já do Lazareto, os srs. Serpa Pinto, e Luiz Guimarães Junior. Serpa Pinto todos conhecem em Portugal, Luiz Guimarães, que vem para cá secretario da embaixada brasileira, é conhecido dos homens de letras e dos *friands* de bons versos e de alta litteratura.

GERVASIO LOBATO.

AS NOSSAS GRAVURAS

O PROCESSO
DOS ACCUSADOS DE ASSASSINOS DO SULTÃO
ABD-UL-AZIZ

Estão todos ainda lembrados de certo da noticia do suicidio do sultão Abd-ul-Ariz depois de deposto do throno da Turquia, em junho de 1876.

Essa noticia sabido officialmente de Constantinopola impressionou fundamente a Europa. O ex-sultão, dizia o telegramma, que ha muito tempo dava provas de desarranjo intellectual, depois de fechado nos aposentos do palacio de Tchéragan, suicidára-se cortando as veias do braço com uma thesoura, que escordera para esse fim.

A noticia do suicidio do ex-sultão foi pouco acreditada geralmente, apesar da affirmativa do governo ottomano e dos medicos do paço, toda a gente viu n'essa morte um assassinato bem escondido, mas não tão bem, que dentro de poucos annos se não descobrisse com os seus

autores e cúmplices, que acabam agora de ser julgados e condemnados na Turquia.

O processo instaurado pelos tribunales turcos, fez luz sobre esse assassinato cuja historia vamos dar resumidamente.

Os assassinos do infeliz sultão foram tres; Mustapha-Pehlevan, luctador bulgaro, uma especie de Hercules, escolhido expressamente, e dois eunuchos Hadji Ahmet e Mustapha Djezirli, dirigidos por Fakri Bey, antigo mordomo do sultão e então seu guarda.

Entre tanto estes quatro, os tres assassinos e o seu chefe, não trabalharam por conta propria: foram instigados por altas personalidades turcas, e segundo elles, pelos dois cunhados do actual sultão, Mahmond Dhamat e Nourri Pachá, que foram, a seu turno, encarregados de mandar assassinar o sultão por uma commissão composta por elles dois e por Mehemet-Ruchdi Pachá, Midhat-pacha, Hussein Avni, e Hairoullah-Effendi, commissão instituida depois da deposição de Abd-ul-Aziz pelo sultão Mourad seu successor, e investida por elle de poderes dictatoriaes.

Esta commissão — cuja existencia foi negada energicamente por todos os seus membros e notoriamente por Midhat Pachá, — resolveu a morte do sultão deposto como medida politica indispensavel; os dois pachás Nourri e Mahmond Dhamat foram encarregados de fazer cumprir essa resolução, e comprarem para isso Fakri Bey, e os tres assassinos que ja citamos.

Segundo os proprios depoimentos dos accusados o crime praticou-se da seguinte maneira:

Fakri Bey mandou collocar sentinelas á porta dos quartos da mesa de Abd-ul-Aziz, e penetrou, acompanhado por dois eunuchos e o hercules bulgaro, na casa onde estava o sultão deposto encostado a uma janella.

O bulgaro lançou-se sobre elle, deitou-o sobre um sofá e amordagou-o emquanto os dois eunuchos o agarravam para não fazer nenhum movimento e depois o bulgaro cortou-lhe as veias dos braços com um canivete, collocando-lhe em seguida ao lado a thesoura, que depois foi tão fallada.

Esta confissão foi retractada na audiencia por um dos eunuchos, Mustapha Djezirli, mas mantida pelos outros dois assassinos.

A existencia da commissão, que mandou assassinar Abd-ul-Aziz não ficou muito bem demonstrada pelo processo, entretanto os juizes deram-se por esclarecidos sobre ella e condemnaram nove dos accusados á morte, Fakri Bey, o bulgaro, os dois eunuchos, os dois officiaes que guardavam as portas e os pachás Midhat, Mahmond e Nourri. Os outros dois accusados não foram julgados, um d'elles o antigo grão Vizir Mohamed Ruchdi Pachá, por estar moribundo, e o outro, Hairoullah Effendi, porque deve ser julgado em Meca, por um tribunal ecclesiastico.

Os debates realisaram-se n'uma vasta sala tendo disposto no kiosque do sultão, em Yildiz Kiosk, que serviu de prisão a Midhat Pachá, e foram presididos por Sourour Effendi; o vice presidente era Christofondés Effendi, e os juizes eram tres, Hussein Bey, Hadji Emin Effendi e Emin Bey, um christão e dois musulmanos.

O julgamento não correu com um grande respeito pelas formulas da justiça, o ministro da justiça estava atraz dos juizes aconselhando-os: e o chefe do exercito, Tewfik Pachá, escondido atraz da cadeira do presidente, desapparecia para ir de vez em quando receber as ordens superiores.

O CEDRO DA FONTE DAS LAGRIMAS

É uma das mais colossaes e antigas arvores da formosa e legendaria Fonte das Lagrimas, o cedro de que damos hoje a gravura.

É provavel, que a sua enorme cupula que o sol tantas vezes tem beijado, servisse de docel aos amores d'Ignez que ali passaram: é natural que os seus annos troncos ouvissem os segredos que o principe D. Pedro murmurava aos ouvidos da aia da princessa sua mulher, é possivel que se esse velho cedro escrevesse as suas memorias, como qualquer diplomata na disponibilidade fossemos n'ellas encontrar essas scenas ardentes d'um amor tragico que deram a Camões as paginas mais commoventes da sua epopéa, e a Portugal os episodios mais dramaticos da sua historia.

Esse cedro formosissimo cobre com a sua ramada enorme a celebrada fonte dos Amores de que

O nome lhe puzeram que inda dura,
Des amores de Ignez que ali pasara
Vede que fresca fonte rega as flores
Que lagrimas são agua e o nome amores.

BOU-AMEMA

Tem-se escripto de todas as maneiras o nome d'este personagem quasi phantastico, que domina na guerra da Algeria. Uns chamam-lhe Bu-Amema, outros Ebu-Amema, outros Bu-Amama, Bou-Amema, Abu-Amema. Qual é realmente o nome do hoje tristemente celebre Marabout? Não é facil de descortinar. Bu-Hamama quer dizer no dialecto do Sahara de Oran, o rei dos turbantes. Ebu-Hamema, significa o filho de Amema, Abu-Amema, o pae de Amema.

Bu equivale a pae, e Amema, a mulher socegada e discreta, o que segundo alguns, indica que o celebre caudillo africano é pae d'uma filha chamada Amema, notavel pela sua belleza, pela sua virtude ou pelo seu talento, filha de quem elle se orgulha e por isso lhe tomou o nome.

Seja qual for enfim o verdadeiro nome d'elle, nós chamam-lhe-hemos *Bou-Amema*, o nome porque geralmente é citado nas narrativas da insurreição algeriana. Bou-Amema é um marabut de Moghár, que levantou o grito da rebellião e do exterminio contra os francezes, que argueu o estandarte da guerra santa, invocando uma

prophecia africana que annuncia a derrota dos infieis aos cincoenta annos da usurpação de Argelia.

É um homem energico, valente, activo, um habil estrategico, que se faz passar por emissario de Deus, que come ás escondidas para se fazer tomar como uma individualidade sobrenatural. Anda sempre acompanhado de tres chefes arabes, que levam estandartes parecidos com os dos *goums* argelinos, para desorientar os seus perseguidores, nunca deixa a frente dos seus proselitos, montado n'um bello cavallo que tem a velocidade legendaria dos corseis do deserto, e armado d'um revolver d'um official francez.

Bou-Amema tem causado o terror entre os seus inimigos, pela facilidade com que desaparece, sendo impossivel agarrar-o, e tendo a invulnerabilidade d'um personagem phantastico.

EGREJA DE S. FRANCISCO DE TAVIRA

Esta capella dos Terceiros foi feita pelos fins do seculo XVII, principios do seculo XVIII. N'esse periodo o gosto architectonico estava muito decahido, e uma arte *rococo* havia substituido a expressão severa ou graciosa das grandes escholas de architectura. A arte da talha porém tinha-se aperfeiçoado, e d'esse tempo existem no nosso paiz exemplares muito perfectos.

A capella de que falamos era um d'esses; o trabalho da tribuna era alli primoroso, e ladeavam a capella quatro bellissimas columnas de marmore preto, extrahidas do serro do Cavaco, sitio muito conhecido n'aquella localidade, e que passavam por serem as melhores e maiores peças que d'aquellas pedreiras haviam sido extrahidas.

No tecto d'esta capella havia além d'isso uma grande pintura do Rasquinho, que, segundo nos informa pessoa competente, era de surpreendente effeito de perspectiva. O Rasquinho foi um pintor do fim do seculo passado principios do actual, e que educado alli por outros antecessores, chegára a formar como que uma especie de eschola algarvia, que devia ser estudada. Ha muitos trabalhos d'elle e de alguns discipulos pelo Algarve, que demonstram os dotes naturaes d'aquelle artista.

Pela rapida noticia que demos das demais partes da igreja, se reconhecem as curiosidades que n'ellas havia, distinguindo-se pelo numero e variedade a capella do Coração de Jesus.

Junto á porta do claustro que vinha da portaria existia cravada na parede uma pedra com uma inscripção oncial, já gasta pelo tempo, e que parece fóra para alli transportada de outro local. Por 1840 houve a feliz lembrança de salvar essa inscripção collocando-a na casa chamada dos andores. Esta era um rectangulo formado pela parte exterior das paredes da capella dos Terceiros e da antiga capella-mór, que constituam o angulo do cruzeiro, e por duas paredes perpendiculares a essas e ligadas tambem em angulo recto; n'uma d'estas faces está uma janella de estilo ogival do gosto mais puro, e que parece ser o unico resto da antiga e primitiva construcção. Depois foi collocada na parede da sacristia da capella dos Terceiros. Esta inscripção, que nem o prior Fr. João da Luz, nem os seus frades, nem um homem velho que mandou procurar souberam lêr bem, é a seguinte:

BOU-AMEMA: FILHO DE
RODRIGO ESTEVES NETO DE
DOMINGOS PIRES BAEM MORREU IX
DIAS DE MARÇO E(RA) MCCCLXXX ANNO

que traduzida em leitura corrente diz:

AQUI JAZ ESTEVAM FILHO DE
RODRIGO ESTEVES NETO DE
DOMINGOS PIRES BAEM MORREU IX
DIAS DE MARÇO E(RA) MCCCLXXX ANNO

Reduzida á era de Christo é anno de 1342, por conseguinte quasi coetanea da fundação do convento.

Da sua habilidade estrategica uma prova evidente, foi batalha de Kreider, em 9 de julho. Bou-Amema annunciou que se dispunha a levar a cabo a sua excursão a Este, entre o desfiladeiro de Geryville e Frenah. Os atiradores francezes cortaram-lhe o passo em Kreider, e depois de dois combates valentemente sustentados, na manhã e na tarde de 9, correu que o celebre guerreiro africano fugira por Sifma, perseguido pelas armas victoriosas do coronel Jaquet; mas depois soube-se que Bou-Amema fingira áquellas duas escaramusas para facilitar a passagem d'uma importante columna d'insurreccionados sem armas, que deviam cruzar por Dayate-Kereb e El-May, para se incorporarem em Aïn Sfin.

O retrato de Bou-Amema é feito sobre uma photographia que um dos expatriados d'Oran levou a Alicante.

Devemos á obsequiosidade do illustre archeologo o sr. Estacio da Veiga o favor da communicação d'esta inscripção por elle calcada, assim como de outras noticias de que nos temos aproveitado.

E visto que falámos d'esta sepultura, não deixaremos passar que entre as muitas que este convento possuia, havia uma cuja inscripção, que achamos curiosa, era a seguinte:

N'esta sepultura está João Sequeira enterrado, e sua alma gozará da gloria se lhe for dada.

Muitas outras noticias d'este convento poderiamos dar e que se podem ler nos chronistas padres Esperança e Soledade. Assim deixaremos de fallar dos successos que ali se deram com o bispo D. Alvaro Paes, que esteve para ser assassinado pelo mestre de S. Thiago D. Lourenço Vasques, depois de ter anteriormente roubado os seus conegos e capellães, e de haver posto a mitra d'elle na cabeça d'uma mulher de má nota, e com as acções do famoso frei Gil Lobo, ou frei Gil de Tavira, capellão do papa Eugenio IV, confessor e pregador dos reis D. João I e D. Duarte testamenteiro d'este e mestre de D. Alfonso V.

Mas não resistimos á tentação de copiar as seguintes palavras de um informador do chronista Belem relativas á cerca do convento. Diz pois o frade:

A cerca d'este magnifico convento é das mais abundantes de todo o genero e diversidade de fructas; tem no meio de um fresco bosque uma fonte tão sinceramente clara, que todos em seus cristaes estão vendo suas feições admiravelmente retratadas, á qual as arvores ou de agradecidas ou de zelosas com a verde laçaria de seus ramos tecem um pavilhão de esmeraldas, tão porfiadamente opposto aos mesmos raios do sol, que andando este de aposta a ver-se em suas prateadas laminas retratado, não é possivel n'elle seus raios introduzir, ainda quando no seu zenith, mais intuzo.

O convento tinha accomodações para trinta ou quarenta frades, que chegou a conter, e houve uma epocha de peste, em que morreram todos os religiosos á excepção de um, que era um pobre velho virtuoso e respeitavel.

R.

A FEITORIA RÉGIS EM QUILIMANE

Vimos n'um dos anteriores numeros d'esta publicação, como por longos annos o commercio todo da Provincia de Moçambique, esteve para assim dizer monopolizado nas mãos dos banianes e d'outras raças da Azia, taes como os battias os parses e os mouros. Um commercio assim, dirigido por espiritos pouco esclarecidos, sempre cauteloso, e sem ousio não podia dar ao desenvolvimento agricola d'aquelle vasto e virgem paiz, o vigoroso impulso de que elle estava carecendo para o seu progresso.

Terminado o nefando trafico da escravatura, que

AFRICA PORTUGUEZA

por tanto tempo tronxe aquellas populações indigenas em continuado sobre salto, era mister que os braços que superabundavam fossem utilizados no interesse d'elles mesmos, no do paiz que lhes era patria, no de Portugal, e no dos povos estrangeiros que alli buscavam fundar relações.

A navegação entre Portugal e a Africa Oriental que ha alguns annos empregava ainda muitos navios de varias firmas respeitaveis taes como dos srs. Antonio Joaquim de Oliveira, Nicolau Ribeiro da Silva, Bessonnes e Barbosa, etc., tem-se ido definhando gradualmente a ponto de poder considerar-se hoje quasi de todo extincta.

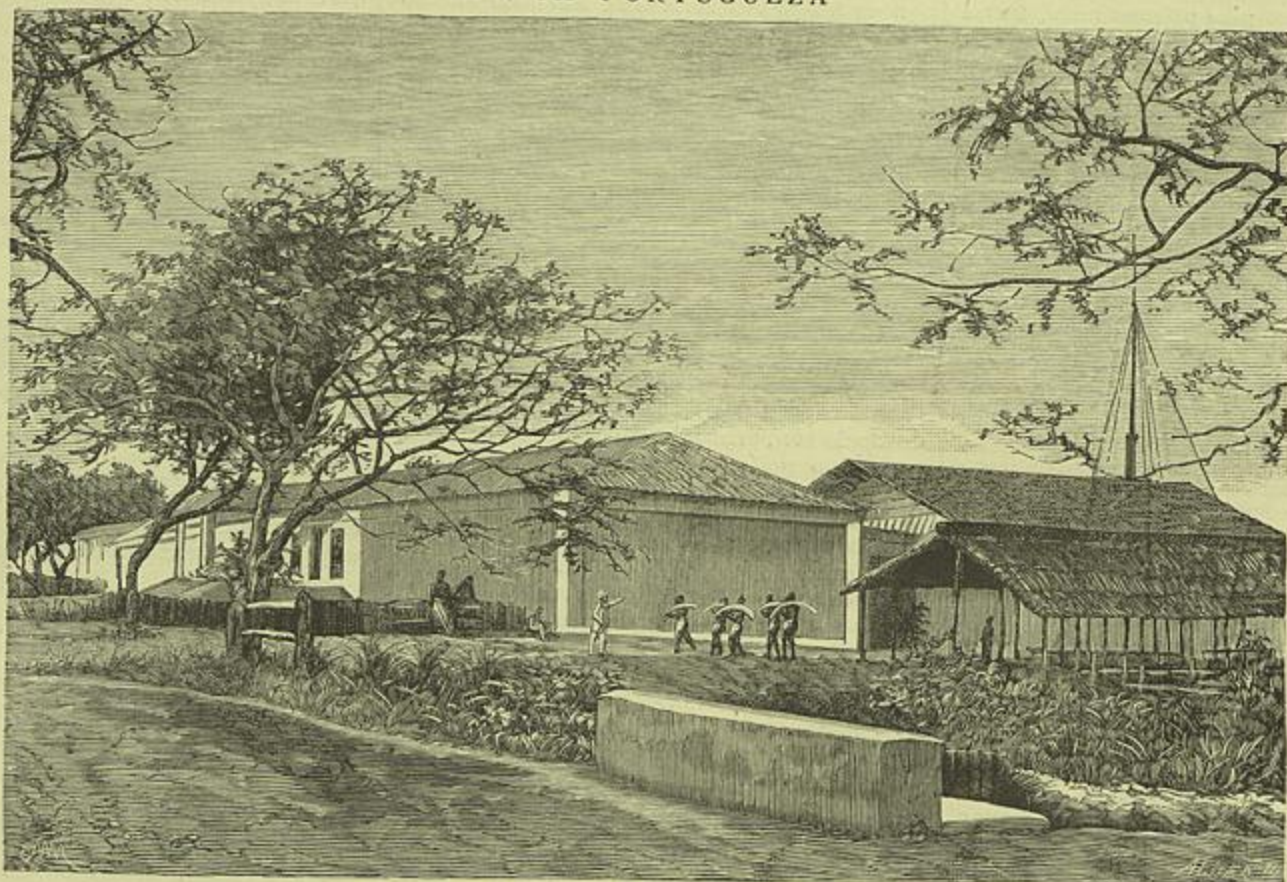
Varias causas contribuíram para esta cessação de relações: a grande elevação dos fretes, a falta de correspondentes de confiança nos diversos portos o pouco zelo dos capitães de navios que eram por via de regra os consignatarios dos carregamentos, e o receio que taes casas tinham de estabelecerem por conta propria nos

portos feitorias de permutação, são as principaes. N'estas circumstancias, succedia que um navio portuguez saia da Europa com um valioso carregamento de artigos proprios para o commercio africano, visitava os diversos portos

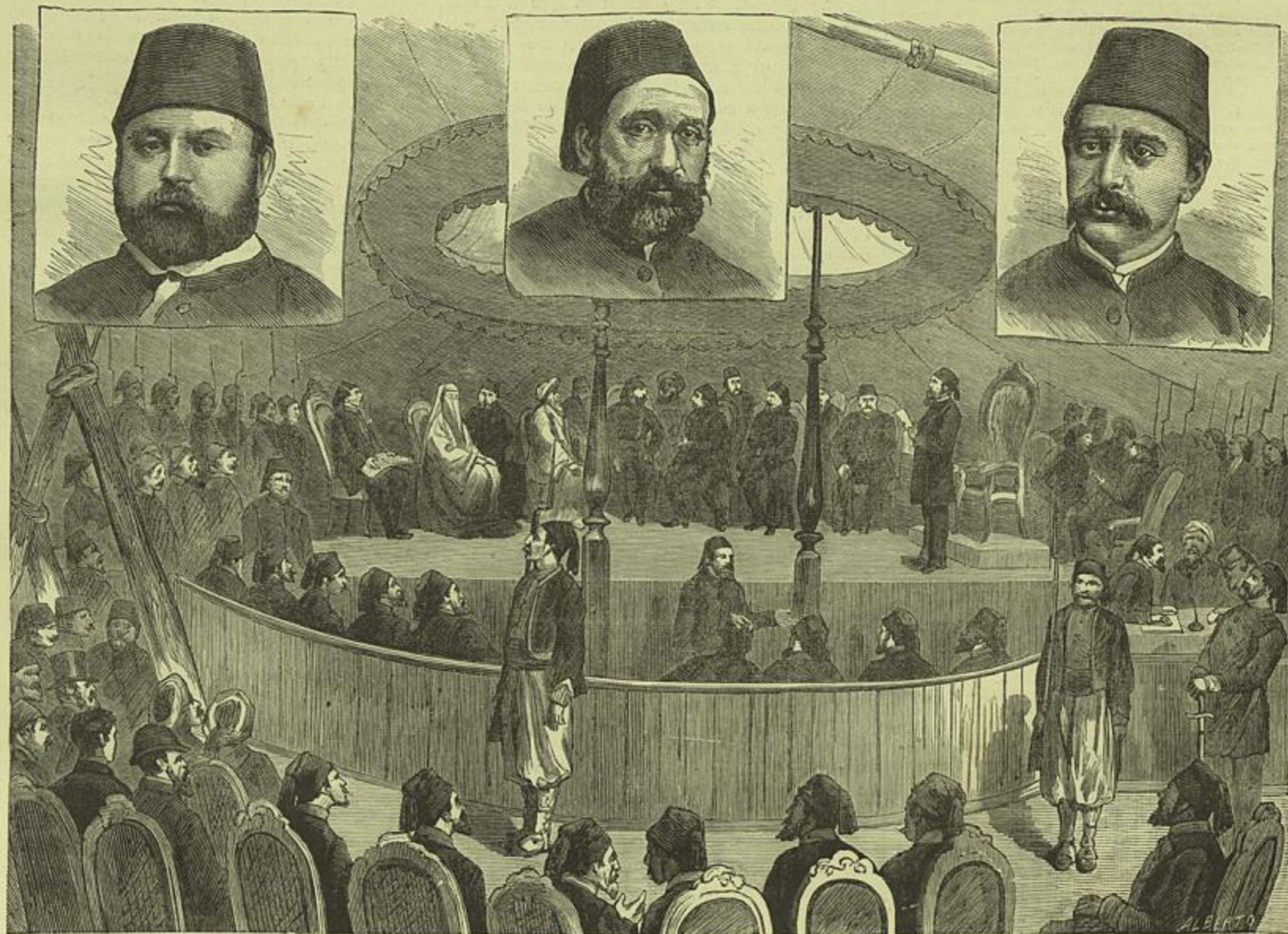
este estado de cousas eram os capitães dos navios, que alem de terem a commissão de compra e venda e a sua soldada, levavam sempre pacotilhas suas que em geral zelavam mais do que as dos seus patrões e committentes.

do Sul para o Norte a começar por Lourenço Marques, demorava-se em cada um d'elles entre 15 dias e um mez, organisava alli feitorias volantes e temporarias, realisava vendas a longo prazo, e voltava uma e mais vezes a esses portos para ultimar definitivamente a operação, já recebendo generos coloniaes, já dinheiro com que os comprava, e já finalmente letras que só mais tarde se venciam.

A pobreza dos artigos que para alli assim eram levados, e a dos generos de exportação, e as despesas excessivas que com os navios se faziam n'estas demoradissimas viagens, faziam com que pouco lucro pratico trouxessem para os armadores semelhantes negociações. Os ganhos que ganhavam com



QUILIMANE — FEITORIA REGIS (Segundo uma photographia)



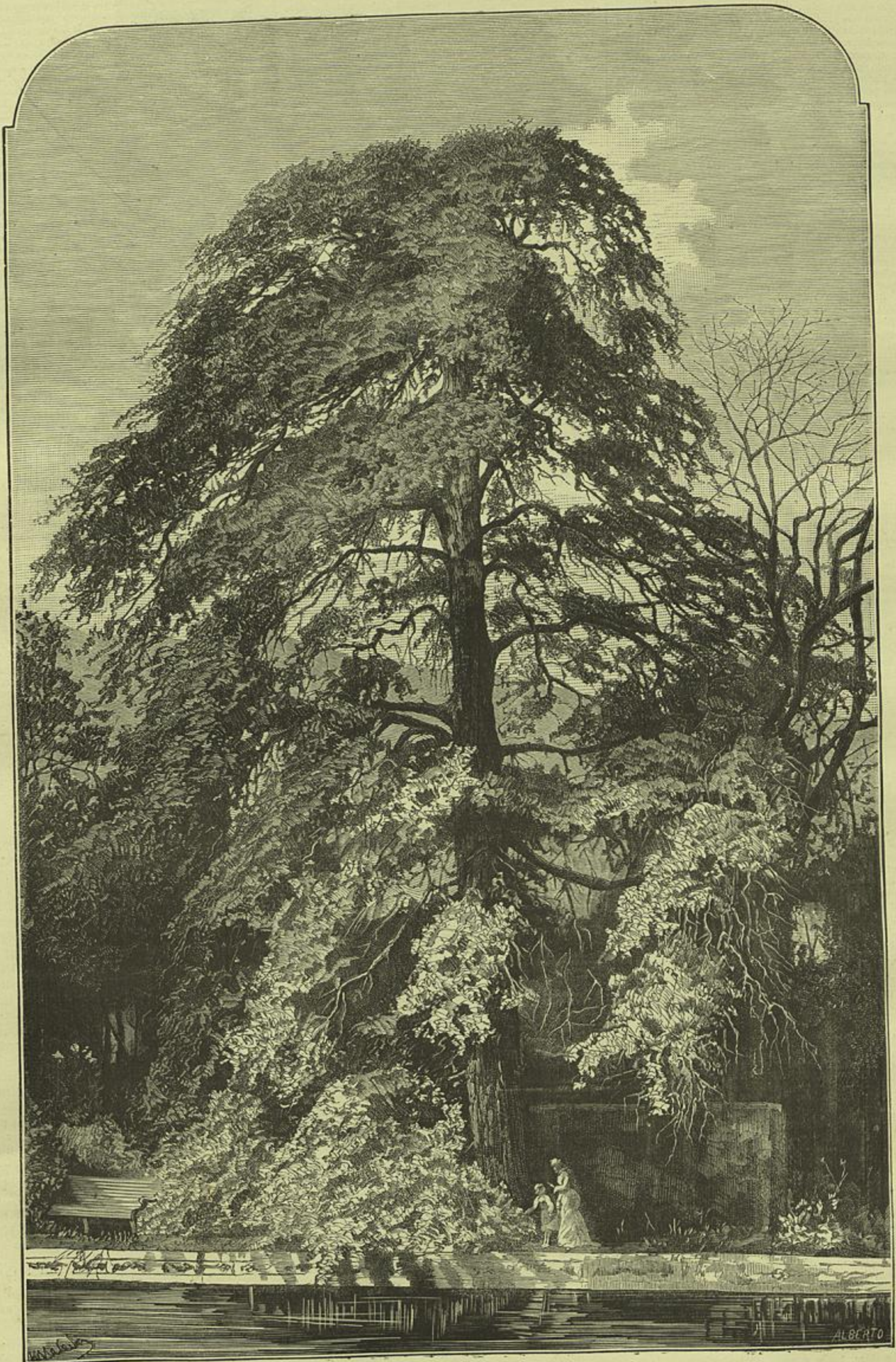
Mahmoud-Damat-Pachá

Midhat-Pachá

Nouri-Pachá

PROCESSO DOS ACCUSADOS DE ASSASSINOS DO SULTÃO ABD-UL-AZIZ — UMA SESSÃO DO TRIBUNAL

PORTUGAL PITTORESCO



COIMBRA — CEDRO SECULAR NA FONTE DOS AMORES (Desenho de M. de Macedo segundo uma photographia do sr. Carlos Rolvas)

Por outro lado, como os principaes generos colonias que dos portos de Moçambique vinham eram sementes oleaginosas, e como em Portugal não ha fabricas para a extracção do seu azeite, tinha o genero de ser novamente reexportado de Lisboa para Marselha principalmente, agravando ainda mais com esse augmento de despesas as do transporte, commissões, etc.

Para tirarem partido de todos estes erros do acanhado commercio portuguez, resolveram algumas casas francezas de Marselha fundar estabelecimentos permanentes nos diversos portos da provincia de Moçambique, nos quaes recebessem de navios seus os artigos para o commercio do sertão, que a pouco e pouco iriam permutando pelos generos colonias, taes como as sementes oleaginosas, os couros e pelles, o marfim, a cera, a borracha, a goma copal e o cauri.

A primeira casa franceza que estabeleceu feitoria em Moçambique foi a dos srs. Augustin Fabre & Fils seguindo-se-lhe pouco depois, e ha mais de 15 annos, a dos srs. Régis Ainé, que logo creou succursaes nos portos do Ibo, Quilimane, Chiluané, Inhambane e Lourenço Marques; e que sustenta hoje com Marselha um valiosissimo commercio em mais de 30 navios de alto bordo que percorrem continuamente aquelles mares.

Habilitadas as casas francezas com grandes recursos pecuniarios, e geridas na Europa e na provincia portugueza por homens intelligentes e respeitabilissimos, não admira que ambas tirem hoje do seu trabalho activo avantajados lucros.

O exemplo das casas Fabre e Régis tem sido seguido por outras casas estrangeiras, havendo hoje em alguns d'aquelles portos feitorias allemaãs e hollandezas, que fazem tambem um valiosissimo commercio.

A nossa gravura representa o interior da feitoria Régis na villa de Quilimane.

AUGUSTO DE CASTILHO.

CONGRESSOS ANTHROPOLOGICO E LITTERARIO

TRABALHOS DOS CONGRESSOS

MUSEU ARCHEOLOGICO DO ALGARVE.—O rigor do inverno de 1876, fazendo que impetuosas torres pluvias, raspando alguns terrenos marginaes do Gadiana junto de Mertola e do Algarve, pozesses a descoberto importantes ruínas de monumentos antigos, de que nem havia memoria, nem tradição, obrigaram os nossos governos, ordinariamente pouco cuidadosos de coisas de arte e sciencia, nomeadamente de antiguidades, a mandar examinar e aproveitar esses restos que um acaso descobrira. Felizmente encarregaram d'esse trabalho um homem trabalhador infatigavel, de aptidão pouco vulgar, e de um conhecimento perfeito das localidades.

O sr. Estacio da Veiga, de quem já falamos n'este artigo, foi o encarregado d'esse exame e colleccionamento. Passando a explorar todos os pontos importantes do Algarve, lembrou-se, o que não succederia a todos, de ligar o trabalho por um systema e methodo scientificos, e d'ahi lhe occorreu a idéa não só do levantamento da carta archeologica do Algarve, mas da organização do seu museu archeologico.

Depois dos trabalhos de exploração e condução, cujas peripécias então contadas no livro que da primeira e primordial excursão publicou *Memorias das antiguidades de Mertola*, seguiu-se a organização do museu, a qual demonstrou que se sr. Estacio da Veiga não possuía os documentos academicos, que comprovam entre nós a sciencia, tinha acima d'isso a intuição do archeologo, a vontade indomavel do estudo, e a mais decidida aptidão para o seguimento d'aquelle trabalho com o methodo mais rigorosamente scientifico que se pode exigir.

D'isto dá prova o *Museu archeologico do Algarve*, julgado pelas auctorizadas pennas do illustre redactor dos *Materiaux pour l'histoire primitive de l'homme*, o sr. Cartailhac, e do sabio medico allemão o sr. Virchow.

Este museu, que esqueceu mencionar nas ordens do dia do Congresso, mas que Virchow, se compraz de ter descoberto na visita feita á Academia das Bellas-Artes, foi estabelecido, por ordem do governo, por não ter edificio mais apropriado, n'umas galerias e casas pouco aproveitaveis para outro fim, d'aquella Academia.

A carta archeologica do Algarve, a que acima nos referimos, exposta n'um quadro, mostra-nos pelos seus signaes convenções, a extensão e posição dos pontos explorados. Cartas parciaes designam esses pontos e a situação dos diversos edificios ou estabelecimentos estudados. Outros desenhos e photographias reproduzem em ponto pequeno varios edificios, obras d'arte, e mosaicos do mais curioso trabalho e valor archeologico.

Em varias vidraças em forma de estante ou hanquetas existem reunidos e agrupados scientificamente, segundo as suas épocas e edades, provadas ou provaveis, os diversos monumentos colligidos. Todos elles se acham regularmente dispostos em ordem geographica do oeste para leste da provincia.

Vê-se primeiro o que se colligiu nos *tumulí*. Representam estes presentemente a idade mais antiga d'aquella região, e os seus caracteristicos, por enquanto descobertos, collocam-na na transição da idade da pedra lascada para a da pedra polida, isto é em rigorosa idade neolithica, por não terem apresentado nenhum artefacto metalico. O que nos manifesta esta secção são fragmentos de ceramica, louça propria d'esses monumentos, taes como urnas cinerarias; lanças triangulares de sílex lascadas com os gumes dentados, uma conta de serpentina, facas de sílex e raspadores, pontas de flechas de formas inteiramente novas na Europa; percutores polidores e desgastadores de diversas rochas, nomeadamente de diorite e foyaito de Monchique. Vêm-se tambem duas novas formas de machados de diorite um tanto recurvados, de superficies polidas, tendo o gume cortante formado por

uma só faceta, encontrados nos *tumulí* da Marcella e da Nora. Ha tambem um machado atravessado n'um dos seus lados largos por uma canelura, mostrando ter sido encaivado. São muito notaveis os nucleos de cristal de rocha allí encontrados, onde se acham manifestos os bolhos de percussão, que produziram lascas cortantes. Vêm-se tambem varios objectos que pelos archeologos são considerados como insignias, uns de laminas de schisto, outros de barro, um de osso e outro de marfim com lavor em losangos. E' singularissima a apparição no *tumulí* de Marcella de dois grandes pedaços de cinnabrio mineral, não verificado em Portugal, e que só é conhecido na mina d'Almaden na Andalusia. Ora o cinnabrio, dizem alguns auctores, era empregado pelos antigos na fabricacão de uma tinta rubra que usavam em suas *tatuagens*, e para a pintura dos ossos dos seus defunctos e das suas armas de guerra.

A colleccção dos instrumentos de pedra excede o numero de trescentos exemplares. Ha muitas e diversas formas, d'elles polidos, d'elles de trabalho tosco, não se conhecendo por enquanto o uso de alguns. Predominam os machados de pedra, os espheroides, a que os francezes chamam *Pierre de fronde*, mas que parece serem antes desgastadores; ha polidores, percutores e uns trituradores manuaes, que se julga terem servido para a moenda de cereaes. Notámos umas pedras grossas, que apresentam uma cavidade polida e estriada circularmente, produzida de certo por um largo eixo de rotaçãõ, encontrando-se tambem outras mais pequenas, e um tanto ovoides, mostrando n'um dos extremos estrias similhantes, e que parece terem servido de eixo de rotaçãõ aquellas.

D'estes ultimos caracteristicos da idade da pedra passa o museu a representar a sua transição para a idade do bronze. São singulares os monumentos que apresentaram estes caracteristicos da primeira idade dos metaes; foram algumas sepulturas de curtas dimensões e forma quasi quadrangular, solitarias ou formando pequenos grupos, geralmente nos cabeços dos montes, e que manifestaram as primeiras armas metalicas d'aquella região. Estas armas são ou adagas curtas, com duas cravações lateraes no punho, havendo entre ellas uma muito perfeita, ou verdadeiras pontas de frecha, companheiras de uma ceramica ainda notavelmente rudimentar, de que ha alguns excellentes exemplares, até inteiros. Além d'estas armas de guerra são mui notaveis os chamados machados de cobre e bronze, geralmente encontrados no interior das minas de lavra antiga ou nas suas visinhanças. Ha tambem varios utensilios pequenos, já ponteados, já de gume cortante que parece terem sido empregados em varios trabalhos. Vê-se tambem um cabo de marfim de forma achatada e um tanto elliptica, que bem parece ter pertencido a uma arma qualquer. Ainda não ha muito que os srs. Tubino e Villanova negavam a existencia da idade do bronze na peninsula; o museu do Algarve comprova-a.

E' tambem allí que se acha, segundo nos parece, pela primeira vez representada no nosso paiz a *idade do ferro*, caracterizada por duas pontas de lança deste metal, associadas a numerosas contas de vidro azul e esmaltaadas de varias côres, e uma de barro, já mui conhecidas, e como de tal epocha inscriptas desde o seu descobrimento em quasi todas as ilhas do Mediterraneo. Estes caracteristicos foram porém encontrados em um largo campo mortuario do sitio da Fonte Velha da freguezia de Bensafim, cujas sepulturas apresentaram pedras de grès com inscripções cravadas em caracteres ibericos, pertencentes a um alphabeto desconhecido e das quaes acaba de fazer-se um recente e importante descobrimento.

Na secção anthropologica ha varios ossos distinguindo-se dois craneos, com uma deformação singular na região occipital, cuja origem não é explicada e cujo estudo o sr. Cartailhac recommenda, dois femures pertencentes ao esqueleto de um d'aquelles craneos; e na paleontologica ha especies fosséis da fauna quaternaria pelo menos, e acaso algum da terciaria.

Passamos d'aqui á epocha romana. N'esta os caracteristicos são numerosos e geralmente muito importantes. Os seus monumentos epigraphicos estão divididos em quatro regiões — iacobrigense, ossonobense, balsense e esuriense. Algumas das suas inscripções já são conhecidas, mas ha muitas outras ainda ineditas, sendo ao todo cerca de quarenta, parecendo-nos a colleccção mais rica destes monumentos romanos de todo o paiz. Todos os pontos explorados, como já dissemos, são representadas não só pela respectiva planta, mas pelos artefactos mais notaveis n'elles descobertos. A falta de espaço não permittiu organizar definitivamente esta epocha. Ainda assim sobresahe entre todos os grupos a numerosa colleccção dos mosaicos, em que ha exemplares bellissimos, dos quaes reproduziremos algum, assim como o dos materiaes de construcção, de barro cozido, de cimentos, das pinturas muraes e dos marmores. O sr. Estacio da Veiga, seguindo o mesmo pensamento do sr. Delgado não despreza fragmento nenhum que os monumentos lhe proporcionem: se na galeria anthropologica da secção geologica abundam os ossos e dentes, de que talvez haja mais de 30000, no museu do Algarve abundam fragmentos de materiaes de construcção e de ceramica, muitos dos quaes deviam constituir um deposito á parte.

Na ceramica ha muitos objectos de formas variadas e elegantes, de excellente conservacão, e numerosissimos fragmentos de outros e candeas de argilla de variadas formas.

Nos vidros ha exemplares importantissimos, sobressahindo uma especie de taça com uma gravura externa, representando um veado perseguido por tres cães, e no fundo um gallo, de traço singular e desenho gracioso. O illustre Pigorini ficou encantado com este vaso, parecendo-lhe ter visto um ou dois exemplares d'aquelle methodo de gravura no museu de Roma. Ha tambem uma clepsydra (relogio d'agua) em forma de pinha, exteriormente ornado de losangos em espiral.

Vêm-se muitos vasos cinerarios brancos e azues e numerosos frascos de diversas formas, a que erradamente

se tem dado o nome de lacrimatorios, por isso que são frequentissimos nas ruínas de quasitodas as *thermas*.

Nos objectos metalicos distingue-se uma urna, ou antes um sarcophago de chumbo, encontrado na quinta das Aetas, proximo a Tavira, contendo um esqueleto de criança. Ha numerosos braceletes de cobre, pinças, estylos, maunças de fuzos, pregos, fivellas e outros muitos e variados objectos. Mencionaremos dois aneis de ouro, nas ruínas d'Ossónoba, representando um a ephigie e nome do possuidor (Asturo) e outro achado em Patroves, perto d'Albofeira, com as letras *M. C.* na chapa. Ha arrecadas em forma de argola, uma fivella, fragmentos de um bracelete, achados n'uma sepultura de Balsa, com um mediano bronze de Faustina (mãe). Tambem se colheram numerosos alfinetes de tocar e agulhas de marfim e osso, e muitos outros ornatos e enfeites de marfim, vidro e metal.

A estatuaria é representada no conselho d'Alcoitim por uma esttua, que bem pôde ser um Apollo, com quanto se não possa afoitamente affirmar-o, cujas formas são de boa e genuina arte romana; — um bello busto de mulher, de marmore branco, que brevemente reproduziremos, e muitos outros fragmentos mais ou menos perfeitos, todos encontrados nas ruínas d'Ossónoba, sendo mui singulares duas cabeças bifrontes encontradas em Gacella, cuja significacão não está ainda bem averiguada.

Ha ainda varios outros grupos da epocha visigothica, entre os quaes se distingue a colleccção epigraphica da região myrtillense, já interpretados e descriptos nas *Antiguidades de Mertola*, e tambem da epocha arabe em que ha numerosos vasos e fragmentos da ceramica, typica de tal epocha, e que fora muito longo descrever, assim como alguns monumentos epigraphicos já descriptos na referida obra.

Devemos porém advertir que muitos objectos que opulentam aquelle museu pertencem ás colleccções particulares do collector o Sr. Estacio e do prestante cidadão o Sr. Joaquim José Judice dos Santos.

Não obstante ter sido conhecido tarde dos congressistas foi por muitos d'elles visitado, lamentando todos a curteza do tempo que tiveram para isso. Allí foram, e reproduziram alguns dos seus exemplares, Virchow, Mortillet, Chantre, Pigorini, Cartailhac, Ceullner, De Laurière, Guimet, Villanova, Andersen, Cazalis de Fondouce, Blomme, Pawinski, Alglave, Choffat, Henri Martin, que todos gabaram a sua ordem e admiraram o trabalho de um só homem na sua organização, levando do museu e do seu organisador avastajado conceito.

Consta-nos que por exigencias da Academia, — e é este o motivo que nos obrigou a tratar já este assumpto, — vae este estabelecimento, o unico d'aquelle genero scientificamente organizado no paiz, ser transferido para uns armazens infectos, sem ar e sem luz, nos baixos da Academia, ao nivel da cisterna...

Não commentamos o vandalismo. Dizemos só aos poderes competentes que aquelle estabelecimento é hoje já vantajosamente conhecido, que pelo fim d'este mez principio de setembro volta a Portugal o illustre Cartailhac, o primeiro que o fez conhecer á Europa, e que será muito honroso para o paiz, quando elle expuser o confronto do que viu por occasião do congresso, com o que verá agora!... Não haverá em Lisboa outro edificio, onde possa alojar-se condignamente aquelle museu?

Ao menos que não concorram para a nossa vergonha, aquelles que devem primar na nossa glorificacão.

(Continúa.)

R.

ARCHITECTOS DA BATALHA E DOS JERONYMOS

Sob esta epigraphie inserimos em os n.ºs 32, 33 e 34 do OCCIDENTE (vol. III) um artigo onde particularmente se procura aclarar a historia da fundação, construcção e acabamento do mosteiro dos Jeronymos, em Belem. Esse modesto escripto teve a honra de fixar por momentos a attenção do sr. Camillo Castello Branco, e determinou este illustre romancista e profundo bibliophilo a escrever-nos, ministrando-nos obsequiosamente sobre o assumpto sujeito alguns esclarecimentos e explicações, deveras importantes, sobretudo os que se referem ao presumido busto de Boutaca.

Tendo nós agradecido áquella gloria litteraria nacional, n'uma effusão de verdadeiro reconhecimento, a valiosissima cooperacão das suas boas letras e do seu experimentado criterio, e tendo depois continuado a estudar com espontanea assiduidade essa questãõ, que é tanto do nosso aprazimento, parece-nos poder hoje afirmar que se acha deslindada a sequencia das differentes phases da construcção do edificio, e a de seus architectos e mestres de obras principaes; tão rodeada de fartas probabilidades se apresenta, da forma porque resumidamente passamos a expol-a.

O architecto Boutaca era portuguez de origem. Disse-se que elle era italiano, não só pela natureza etymologica do appellido, mas ainda porque Fr. Jeronymo de Belem, na sua *Chronica Seraphica da Provincia dos Algarves*, part. 2.ª, liv. 2.ª, (Lisboa, 1753), escrevera a proposito da fundação do convento de Jesus de Setubal:

que das Italias fôra chamado para as obras do piadoso Rey D. João II o architecto mestre Boutaca. Mas nada se relata, nem n'esta chronica nem n'outra qualquer, acerca da sua nacionalidade. Posteriormente á epoca de D. Diniz, costume foi sempre entre nós, irem estudar fóra da patria alguns varões preclaros, lá onde artes e sciencias se distanceavam pela prosperidade da sua minguada compleição nacional. Era constante a permanencia de portuguezes illustrando-se em Hespanha, França e Italia, alguns mesmo a expensas do estado, deixando não poucos d'elles hom nome entre os estranhos, quando por lá se não ficavam doutrinando. Portanto a referencia de Fr. Jeronymo pôde provar, com toda a plausibilidade, que Boutaca, enviado ao estrangeiro, ou officialmente pelo conhecimento dos seus meritos artisticos, ou de motu proprio por natural inclinação, fôra por D. João II chamado, quando apparecera oportunidade de lhe aproveitar o talento educado e o saber adquirido.

Além d'isso, o conde de Raczynski, no seu *Dictionnaire Historico-Artistique de Portugal*, inclina-se a Boutaca ser portuguez, fundando-se principalmente em que o paciente e douto investigador, visconde de Juromenha, tendo com todo o cuidado e perseverança examinado a collecção de papeis archivados na Torre do Tombo, sob o rotulo — *Despesa das obras de Belem*, em nenhum alcançou descobrir que aquelle fosse designado como italiano.

Antes de passar á Italia, Boutaca militára na Africa, aonde iam tambem então por costume, todos os bons engenhos portuguezes, nobilitar-se nas heroicas pugnas em que lhes incendia os animos o mais abnegado patriotismo. Foi isto por 1480 a 1485. Ahí se mostrou notavel guerreiro em Arzilla, onde foi armado cavalleiro pelo conde de Borba, seu governador desde 1471, epoca em que depois da tomada d'aquella praça, o investira em tão honroso cargo el-rei D. Affonso V. Este conde de Borba serviu ali até que, reinando D. João II, teve de vir ao reino, emprazado por capitulos, que d'elle deram a el-rei.

Boutaca, provavelmente nascido em 1460, depois do seu brilhante baptismo de sangue, em que enrijára o pulso e temperára o animo, curou de seguir os impulsos naturaes do seu espirito, e em Italia estudou as bellas artes, de 1486 a 1492. N'este ultimo anno estava incontestavelmente de volta a Portugal; sendo muito admissivel que mais tarde D. Manuel, ao passo que lhe abonava honrosas tenças em 1498, aquilando justamente os seus elevadissimos predicados, lhe commettesse o delinea-mento do risco para o monumento de Belem, então que o prestimoso architecto, visinho dos 40 annos e já acreditado por numerosas edificações, juntaria á genial imaginativa a reflectida pausa, o maduro exame e a concentrada reflexão.

Voltou Boutaca á Africa em 1514, mas d'esta vez como architecto; ¹ em 1519 era inspector de trabalhos no mosteiro da Batalha; e finava-se entre 1523 e 1528, pouco depois de D. Manuel.

O successor de Boutaca na direcção das obras dos Jeronymos, foi por certo João de Castilho, pois é irrefragavel que D. João III mandava abonar em 1522 mil cruzados a este alvanel, por conta da empreitada com elle novamente ajustada sobre o fazimento das abobadas e pilares do cruzeiro da igreja de Santa Maria de Belem. Castilho, já em 1520 apologista da Renascença, conteve-se respeitoso ante a sublime harmonia da maravilhosa fabrica manuelina e continuou, talvez com pouco enthusiasmo, as obras segundo o risco primitivo de Boutaca. ²

Em 1528 ou 1529 passava a superintender nas obras do mosteiro de Santa Maria da Victoria, na Batalha, succedendo-lhe em Belem

¹ Deve ter estado allí por muito pouco tempo, porque desde março a dezembro foram-lhe pagas as fórlas em Belem. Da primeira vez devia ter ido como pedreiro.
² Não podemos aceitar em absoluto as affirmativas do nosso illustrado collaborador, Boutaca e Castilho trabalharam conjunctamente nos Jeronymos em diversas obras como mestres e empreiteiros, e não são das menos importantes as de João de Castilho — crasta primeira, capitulo, sacristia, e portal da travessa etc. — Castilho era cauteiro e não alvanel, e já trabalhava em Belem em 1514 ou 1516;

o distincto artista piemontez, Diogo de Torr'alva, que foi quem propriamente concluiu o claustro e o cruzeiro, devendo-se-lhe a atrevida execução do fechamento da abobada d'este, obra só de si bastante, por nimiamente arrojada, para dar ao seu conceptor e director o jus da immortalidade. Em um curioso manuscrito, existente na livreria do sr. Camillo Castello Branco, *Memorias de Diogo de Paiva de Andrade, sobrinho*, lê-se o seguinte: *Diogo Torr'alva foy hum Arquitecto italiano, ou piemontez que veio a este Reyno, em tempo d'El Rey D. Manoel. Deu o risco para o cruzeiro da Igreja de Belem, e NA PRIMEIRA COLUNA DA PARTE DO EVANGELHO QUE SUSTENTA O AICO DO MESMO CRUZEIRO, VINDO PARA O CORPO DA IGREJA, ESTÁ O SEU RETRATO EM PEDRA, SOMENTE A CARA SEM O CORPO.*

Esta declaração é importantissima, porque vem desfazer um erro, ephemeramente edificado sobre debeis conjecturas pelo sr. Possidonio da Silva, mais tarde levanamente esposado e corroborado pelo sr. Sá Villela no *Boletim Architectonico de Archeologia*, 2.ª serie, n.º 4, (1875), e ainda por nós no vol. III do OCCIDENTE. Quando o sr. Silva labutava sollicito, em 1865, para vulgarisar os principaes ornatos do famoso templo manuelino, descobriu proximo da base da columna, que sustenta o arco do cruzeiro do lado do Evangelho, um medalhão circular de 26 centimetros de diametro, com a effigie em perfil de um homem avançado em idade. Aguilhoado pela novidade d'esta descoberta feliz, d'este precioso documento architectonico, observou-o detidamente e chegou a averiguar que a columna havia sido cortada e escavada, depois de feita, para dar posteriormente logar á collocação da pedra que tinha o busto insculpido. Impressionado com esta conclusão, prova de ter sido o medalhão ali collocado quando a columna já estava erecta e prompta, e partindo de que Boutaca havia sido o delineador da fabrica do templo, suppoz o sr. Silva, com uns certos visos de possibilidade, que era aquelle o busto do primeiro architecto, ali collocado em justissima homenagem por algum dos seus successores. Escoravam-lhe esta hypothese: o facto analogo, acontecido com Affonso Domingos na Batalha, e a propecta idade que indica o busto achado nos Jeronymos, quando de feito em 1520 a 1523, annos da construcção quasi total do cruzeiro, Boutaca era decrepito e devia por então ter fallecido.

Todavia, nem a menor inscripção, nem o mais insignificante documento, haviam dado foros de verdadeira a esta conjectura, accete ainda assim desde que o seu auctor a formulára, á falta de melhores e mais concludentes investigações. Porém o curioso extracto das *Memorias de Paiva de Andrade*, transcripto acima, derrama toda a luz sobre esta questão, elucidada e precisa-a por modo quasi irrefutavel, visto como a columna a que ali se refere o seu auctor, é a mesma do achado do sr. Possidonio, n'ella não se encontra mais retrato algum, e o alludido manuscrito merece toda a confiança; pois, não obstante não ser autographo, é copia fiel de celebre jurisculto Pereira e Souza, tido por homem grave, imparcial, estudioso e notavel bibliophilo.

(Continúa)

ABEL ACCACIO.

A AMAZONA!

Ha pouco tempo, quando eu viagei por esse Minho fóra, a pé, de *havre-sac* affivelado ao hombro, *niker-boker*, sapato ferrado e bordão de peregrino, tive occasião de observar algumas scenas deliciosas!

Não era só o encanto da paisagem que me prendia; ah! aquella formosa paisagem do Minho, muito pittoresca, alegre, variada, onde as montanhas, na primavera, apparecem cobertas de margaridas e malmequeres, os prados alastrados de uma verdura tenra, os rouxinoes cantando nos sinceiraes, á borda dos rios, em noites

da lua cheia! E então, a cada passo, ao dobrar o cabeço d'uma collina, uma povoação que se nos depara, com o seu ermiterio ao fundo, na clareira d'um olival!... Lindo! lindo!

Eu levantava-me ao alvorecer do dia, quando ainda para as bandas do poente, no azul do céu, o brilho das estrellas esmorecia pouco a pouco, e pelo silencio das vezes trinavam os primeiros cantos da cotovia. Logo que me punha a caminho, com o andar vigoroso e firme de quem levou toda a santa noite de um somno restaurador, já pelos atalhos da aldeia encontrava gente da lavoura, que se dirigia para o trabalho. Ouvia, ao longe, as tres badaladas do *Angelus*; e ao passar rente da igreja da freguezia, encontrava sempre o sr. abbade, atravessando com um passo rapido da residencia, para ir dizer a missa conventual.

Quando o sol ia alto, e batia a prumo na estrada, eu mettia então pelos atalhos solitarios, seguindo a eito, á sombra dos castanheiros. A cada passo, logo que transpunha um vallado, do meio dos trigos levantava-se uma revoada de pardaes, que iam esconder-se, espavoridos, entre a folhagem espessa do arvoredo!

Algumas vezes, depois de ter caminhado muito tempo, sem encontrar ninguém, apparecia-me, á beira do caminho, um humilde cazebre, coberto de colmo, com uma ramada á porta. Ouvia-se cá fóra o vagir convulso de uma creança um pouco abafado pelo cantar monoton e triste das mulheres do Minho, quando emballam os filhos nos braços:

*Dorme, dorme, meu bemzinho,**Que o paesinho logo vem... em... em...*

Tinha já percorrido tres legoas, desde o romper do dia até ás onze. Recolhi-me a uma estalagem — valha a verdade! — mais abatido pelo calor do sol, um sol forte, que faiscava nas pedras dos muros e na poeira das estradas, do que fatigado do andar.

Logo que o calor abateu, e os choupos que havia á beira dos campos, cobriam a estrada com uma sombra agradável, continuei a minha viagem.

A paisagem, áquella hora do sol-posto, quando dos valles vem subindo as sombras do crepusculo, tinha então outro aspecto!

Foi d'essa vez — lembro-me bem! —, que depois de ter seguido por uma estrada desconhecida, quasi despovoada, abandonada, eu vi apparecer-me de repente um muro alto, todo caído de fresco. No fim, havia um grande portão de ferro, pintado de verde, encimado por uma pedra d'armas. Aquillo denunciava habitação de gente rica.

Não pude resistir! Aproximei-me quasi a medo da minha indiscipção, e, com um pé na soleira, muito curioso, collei um olho á fechadura, uma fechadura muito larga, e espreitei para dentro.

Parece-me que ainda estou hoje a ver d'aqui aquella rua, que me apparecia muito larga e que ia estreitando para o fim, saibrada de fresco, orlada por duas filas parallelas de encalyptus. D'um lado, entrevia-se, atravez dos troncos dos platanos, das acacias, dos alamos, dos chorões, um alegrete de flores rasteiras, como um tapete melegre, debruado de relva, e no meio do qual, uma grande araucaria estendia os ramos em redor. Sentia-se quasi um



ENIGMA

Explicação do enigma do numero antecedente:

Cada terra com seu uso.

profundo abandono; e, em meio d'aquelle silencio, ouvia-se ao longe o murmurio continuo de uma fonte, e d'entre um massico de verdura, uma Venus de marmore branco, sobre um pedestal, surgia pudibunda, a sorrir, com as mãos cruzadas sobre o seio nu. Ao fundo da rua viam-se os primeiros degraus de uma larga escada de pedra, guarnecida com corrimão de balaustres...

Pois foi a descer lentamente os degraus d'essa escada, que eu vi apparecer uma elegante amazona, muito correcta, corpete longo, a cauda do vestido apanhada á frente, chicote debaixo do braço, abotoando o canhão de uma luva de camurça. Atravessou a rua, e sumiu-se depois, por detraz de um muro alto de murta, que havia ao lado.

Eu fiquei estupefacto! E' que conhecia perfectamente a amazona; e acudiu-me á remeniscencia aquella noite em que eu a tinha visto, em Lisboa, n'um baile, vestida de branco, o collo nu, os braços esculpturaes cobertos até ao cotovello por uma luva sem botões! Em volta d'ella havia sempre um grupo de adoradores, que disputavam, entre si, a honra de uma valsa. E ella levantava-se sorrindo, fechava o grande leque de plumas brancas, como uma aza, e, o braço assente no hombro do seu par, a cabeça descaida, as palpebras meio-cerradas, ia arrebatada, n'aquella doce cadencia, deixando surgir, debaixo das rendas do vestido, uma pontinha do seu pequenino sapato de setim branco!...

Dois annos depois, um fidalgo muito rico do Minho, velho, quasi cachetico, celibatario, pediu-a em casamento.

Continuêi pensativo a minha jornada; mas, quando ia a dobrar o cunhal da quinta, ouvi perto o estrepito d'um cavallo nas lagens d'uma vereda. Rente com o muro, appareceu um elegante rapaz, soffrendo os impetos d'um alásio feroso. Estacou de subito, olhou para cima, e eu vi tambem, então, por entre os ramos brancos d'uma acacia, que cobriam o muro, a luva de camurça da amazona, deixando cahir uma carta. O cavalleiro apeou-se para a levantar; depois, metteu as esporas nos ilhaes do cavallo, e partiu a galope, pela estrada fóra.

Retrocedi, e fui postar-me, como uma sentinella, em frente do portão. Abriu-se a porta de par em par, e a amazona saltou de um pulo para a estrada, segurando firme as redeas do cavallo, apumada no sellim, a saia preta cahindo ampla, contornando-lhe, em cima, a curva graciosa do joelho.

A vinte passos, seguia-a um velho criado de libré agaloada, montado n'uma egoa enorme d'ancas roliças e lustrosas.

Acompanhei-a até ella desaparecer, em meio d'um pinhal, por onde tinha seguido o cavalleiro a galope.

E era um encanto, um verdadeiro encanto, vel-a ir, ao longe, o tronco erecto sobre o sellim, graciosa, audaz, a longa pluma preta do chapéu tyrolez a bater-lhe nas costas.

Voltava-se, de quando em quando, para traz, a sorrir, acenando com o chicote; porque no limiar do portão ficára o marido, que a seguia com a vista, com um inte-

escondendo um sorriso malicioso entre as varetas do seu leque de plumas — o viver-se casada n'una aldeia erma e obscura, logo que se encontre um bom marido muito rico, muito velho, tropego, cachetico — e que não pode montar a cavallo!

ALBERTO BRAGA.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

CONTOS, por Fialho d'Almeida, Porto. — Editor, Ernesto Chardron, 1 vol. de 380 pag. Preço 600 réis. — É um formoso volume de contos, cuja edição é nitida e elegante como as faz sempre o estimado e intelligentissimo editor portuense.

Do livro e do seu alto merecimento litterario trata o OCCIDENTE na sua *chronica*, como prometteu no numero anterior.

DE BENGUELLA ÁS TERRAS DE IACCA, *Expedição Organizada pelo governo portuguez nos annos de 1877-1880*, por Hermenegildo Capello e Roberto Ivens. — Imprensa Nacional, Lisboa 1881. — Já estão publicadas as ultimas folhas que completam o primeiro volume d'esta obra, e a que nos referimos em um dos numeros anteriores.

RELATORIO DA DIRECTORIA DO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA NO RIO DE JANEIRO EM 1880. — Typ. e Lith. Moreira Maximiano & C.ª, Rio de Janeiro, 1881. — É um documento valioso o que esta sympathica e util instituição nos offerece, tratando do seu movimento durante o anno findo, occupa-se largamente da celebração do tri-centenario de Camões em que o gabinete tomou uma grande parte, com muita honra e gloria para os seus patrioticos membros filhos da patria de Camões.

A edição do relatorio, de 200 exemplares, é primorosa.

RELATORIO DA DIRECTÃO DO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA DA BAHIA, *Apresentado á Assembléa Geral em 29 de maio de 1881*. — Litho-Typographia de João Gonçalves Tourinho, Bahia, 1881. — Pela leitura d'este relatorio se conhece da vida d'esta sociedade, que se não é das mais prosperas, ainda assim, honra muito as

boas intenções dos cavalleiros, que procuram desenvolver a e elevar a á grandeza de que são dignas estas uteis instituições.

EVOLUÇÃO SOCIAL, *Discurso pronunciado no Gremio de Instrução e Recreio, de Bragança, na noite do dia de maio de 1881*, por Paulo de Barros. — É um folheto de 48 paginas em que o seu auctor discorre largamente sobre o assumpto que lhe serviu de thema.

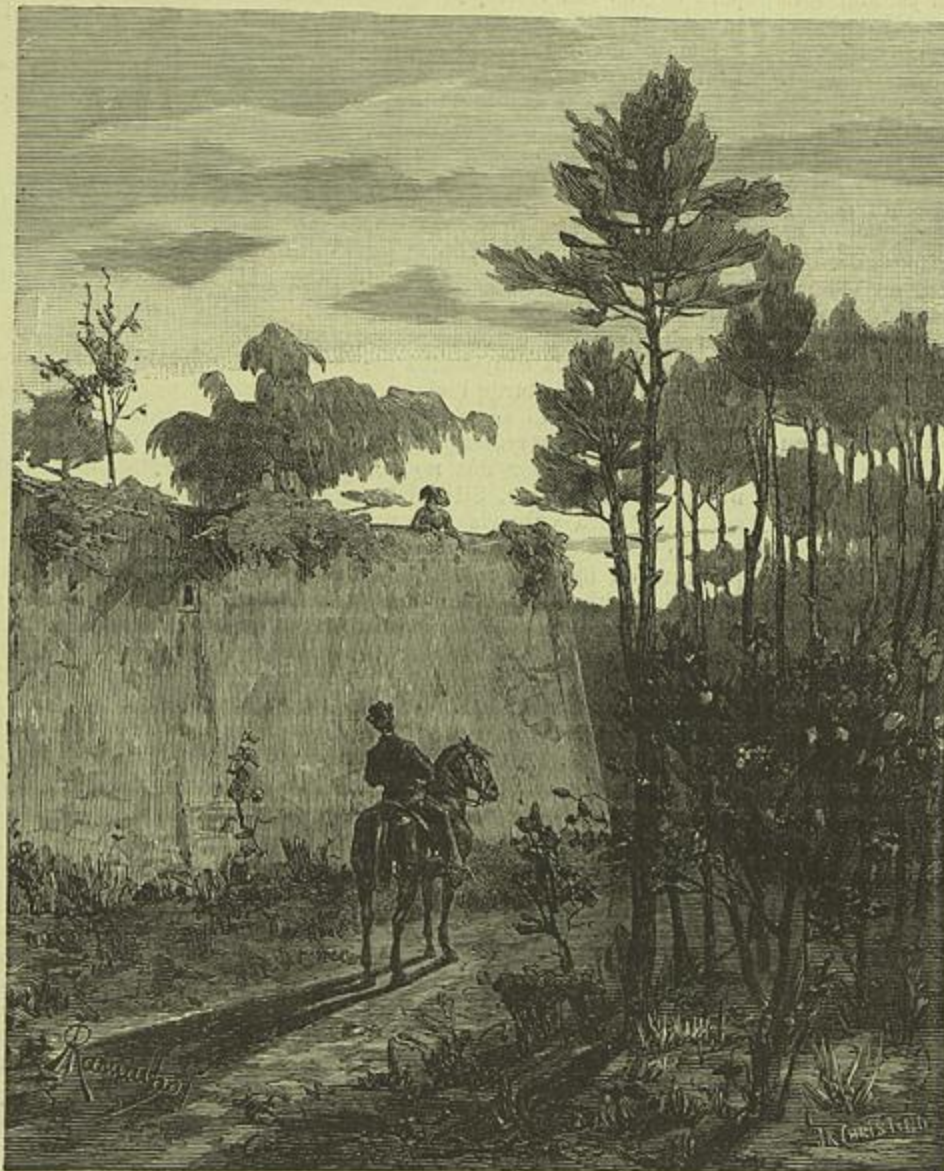
HISTORIA DE PORTUGAL ILLUSTRADA. — Empreza Litteraria de Lisboa, fasciculo 11, iv vol. 24 pag. com uma gravura, *Reinado de Felipe III (segundo de Portugal)*. — Os frades alvorotando o povo contra os christãos novos. É muito para louvar a presistencia com que esta honrada empreza tem levado, quasi ao seu termo, a publicação d'esta importante edição da *Historia de Portugal*, hoje a unica illustrada com quadros historicos, em que ha reconstruções de typos e costumes, feitos com muito criterio e conhecimentos historicos.

REVISTA DA SOCIEDADE ACADEMICA, DEUS, CHRISTO E CARIDADE, n.º 3 — Typ. da mesma Sociedade, Rio de Janeiro, 1881. — É uma revista mensal bastante curiosa dedicada ao Spiritismo.

BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA, 2.ª serie n.º 5 — Imprensa Nacional, 1881. — Esta sociedade fundada em Lisboa, em 1875, está dando provas da maior actividade e de quanto é util, pelos já reconhecidos servicos que está prestando á nossa civilisação. O sumario do seu boletim é o seguinte: Colonias portuguezas em paizes estrangeiros — Commercio e navegação entre Portugal e as suas colonias — Melhoramentos urgentes para o porto de Lisboa — Exploração mineralogica de Angola — Consulado portuguez em Zanzibar — Guerreiro e frade — Expediente interno — Noticiario.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1881, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6



Rente com o muro, appareceu um elegante rapaz, soffrendo os impetos de um alásio feroso... (desenho de A. Ramalho)

A AMAZONA — Conto por Alberto Braga

resse quasi paternal, jubiloso, contente de si mesmo...

E eu percebi então, minha senhora, que não é perfectamente um exilio, com todos os seus infortunios, como me asseverava v. ex.ª,



BOU-AMENA — Caudilho da insurreição na Algeria
(Segundo uma photographia)